

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

O PARADIGMA DO CAMPO NA CONTEMPORANEIDADE: BIOPOLÍTICA E AS VIOLACÕES DE DIREITOS HUMANOS DOS REFUGIADOS¹

THE PARADIGM OF THE FIELD IN CONTEMPORANEITY: BIOPOLITICS AND AS HUMAN RIGHTS VIOLATIONS OF REFUGEES

Quézia Celeste Vanzin², Maiquel Ângelo Dezordi Wermuth³

¹ trabalhos produzidos a partir de pesquisas de bolsistas de iniciação científica

² Acadêmica do Curso de Graduação em Direito da UNIJUÍ. Bolsista PIBIC/CNPq do Projeto de Pesquisa: O conceito de biopolítica como canteiro arqueológico inacabado: de Michel Foucault a Giorgio Agamben, do Grupo de Pesquisa ?Biopolítica e Direitos Humanos? (CNPq). E integrante dos projetos de Extensão Cinema e Direitos Humanos e Diálogos. E-mail: queziavanzin@outlook.com

³ Doutor em Direito pela UNISINOS. Coordenador e Professor Permanente do Curso de Pós-Graduação em Direitos Humanos da UNIJUÍ. Líder do Grupo de Pesquisa ?Biopolítica e Direitos Humanos? (CNPq). E-mail: madwermuth@gmail.com

INTRODUÇÃO

O termo biopolítica foi utilizado pela primeira vez por Michel Foucault (2003) na década de 1970, sendo posteriormente desenvolvido por Giorgio Agamben (2010), que a compreende como a forma de exercício de poder hegemônica na contemporaneidade. A biopolítica utiliza-se de dispositivos de poder desenvolvidos para o reconhecimento e controle das populações, sendo possível, no limite das estratégias biopolíticas, o surgimento de locais como o campo, em que a vida humana é despojada de proteção jurídica. O campo foi criado para agrupar indivíduos considerados uma ameaça, ou então, indesejáveis. Na contemporaneidade, referidos espaços têm sido criados e utilizados para o controle de refugiados.

Palavras-chave: Biopolítica; Paradigma do Campo; Direitos Humanos; Refugiados.

Keywords: Biopolitics; Field Paradigm; Human rights; Refugees.

METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza-se do método fenomenológico, compreendido como “interpretação ou hermenêutica universal”, isto é, como revisão crítica dos temas centrais transmitidos pela tradição filosófica através da linguagem, como destruição e revolvimento do chão linguístico da metafísica ocidental. Este método de abordagem visa a aproximar o sujeito (pesquisador) e o objeto a ser pesquisado.

A opção pelo referido método deve-se ao fato de que ele é o único que permite definitivamente demonstrar que o modelo de conhecimento subsuntivo próprio do sistema sujeito-objeto foi suplantado por um novo paradigma interpretativo, marcado pela invasão da filosofia pela linguagem a partir de uma pós-metafísica de reinclusão da faticidade que passa a atravessar o esquema sujeito-

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

objeto, estabelecendo uma circularidade virtuosa na compreensão. A ênfase, portanto, passa para a compreensão, na qual o compreender não é mais um agir do sujeito, e, sim, um modo-de-ser que se dá em uma intersubjetividade.

No que diz respeito à técnica de pesquisa, optou-se pelo emprego de pesquisa bibliográfica, utilizando-se da literatura existente acerca da temática proposta – livros e periódicos –, do fichamento e do apontamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Michel Foucault (2003), utilizou o termo biopolítica pela primeira vez em uma conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1974. Para o autor, a biopolítica marca o momento em que a vida biológica, passa a ser objeto da política. Com isso, a biopolítica passa a ser utilizada como forma de exercício de poder para controlar a sociedade e os indivíduos, sendo um instrumento para alcançar objetivos do mercado e do Estado. A instrumentalização biopolítica transforma o indivíduo incluso neste sistema em um mero vivente, ficando à mercê do Estado e das instituições que o compõem, reduzindo-se, não raro, àquilo que Agamben (2010) denomina *vida nua* – em identificação com a obscura figura resgatada do direito romano arcaico do *homo sacer*.

Na obra foucaultiana, as categorias biopolítica e biopoder abarcam a complexa questão da normalização biológica dos seres humanos, no caminho que o autor trilhou na investigação do problema da governamentalidade. Por biopolítica, Foucault (1988; 2010) vai designar o movimento segundo o qual, a partir do século XVIII, a vida biológica começa a se converter em objeto da política, ou seja, a vida biológica passa a ser produzida e, além disso, administrada.

A partir dos estudos de Michel Foucault, Giorgio Agamben (2010) revisita na contemporaneidade o conceito de biopolítica, incluindo no estudo termos como *zoé* – vida despojada de direitos -, *bios* – vida politicamente qualificada -, e *homo sacer* – vida excluída. A partir desses termos, Agamben (2010), trabalha com o conceito de “vida nua”, que seria a vida humana sem proteção jurídica, passível de ser impunemente eliminada. Nesse sentido, o indivíduo que é alijado de seus direitos e, conseqüentemente, transformado em vida nua – a exemplo do que ocorre no caso dos refugiados, que perdem a proteção decorrente dos direitos de cidadania e pertencimento a um Estado soberano –, passa a ser identificado com a figura do *homo sacer*, ou seja, aquela figura que, no direito romano arcaico, era considerada insuscetível e, ao mesmo tempo, matável, sem que o responsável por sua morte cometesse homicídio.

O fenômeno do crescente número de refugiados na contemporaneidade deixa evidente a produção de vidas que passam a ser consideradas elimináveis porque indesejáveis. Nessa perspectiva, a contemporaneidade assiste ao ressurgimento de estruturas de campo que são criados para a



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

concentração e, conseqüentemente, para a exclusão das vidas que foram despojadas de seus mais elementares direitos. O exemplo mais emblemático de utilização biopolítica do paradigma do campo seria o dos campos de concentração construídos durante a Segunda Guerra Mundial, em 1939, na Alemanha nazista, e que foram empregados para segregar e eliminar vidas consideradas indignas de serem vividas.

Dentro desses espaços – campos – vige um verdadeiro estado de exceção, que adquire *status* de normalidade nas políticas contemporâneas, criando uma indistinção entre guerra e política, direito e violência (AGAMBEN, 2010). Assim, ao contrário de uma estrutura perdida no decorrer da história, o campo tem sido reiteradamente utilizado por governos democráticos na atualidade, sendo usado para conter fluxos migratórios em países como Quênia, Etiópia, Jordânia, Palestina, Uganda, Paquistão, Grécia e Estados Unidos, entre outros.

Como forma de impedir o ingresso de refugiados, os campos possuem cercas inviabilizando o direito de ir e vir do indivíduo. Para além desse problema, a superlotação e a falta de saneamento básico geram um ambiente sem condições dignas de sobrevivência. Em dezembro de 2019, a *BBC News Brasil* publicou uma reportagem repleta de relatos de refugiados abrigados na Grécia, assim como de médicos que atuam no local. Durante a entrevista, Angela Modarelli, psicóloga infantil da organização Médicos Sem Fronteiras, relata fatos marcantes durante o trabalho no campo: “ouvir crianças de 7, 8 anos dizendo ‘eu quero morrer’ é algo que eu nunca pensei que fosse ouvir.” (BBC NEWS BRASIL, 2019).

Em 2018, especificamente em 30 de agosto, o jornal *BBC Brasil* trouxe outros relatos vividos no campo de refugiados na Grécia, entrevistando uma afegã chamada Sara Khan, a qual afirma que seus filhos não conseguem dormir à noite, pois o campo em que estão inseridos possui alto grau de violência. Sara que mora com o filho recém-nascido, relata que há fezes no chão do abrigo no qual vivem (NYE, 2018).

O campo de refugiados, na Grécia, é um dos maiores do mundo, enfrentando sérios problemas de superlotação. Ele possui capacidade para 2 mil pessoas, porém, em 2018, no ano da reportagem, já viviam 8 mil refugiados no local, morando em barracas de *camping* e contêineres. A superlotação evidencia outro problema ainda maior: o campo não faz distinção de etnias, apesar dos povos que ali estão abrigados possuírem guerras travadas entre si que perduram anos. No campo da Grécia estão inseridos curdos, árabes, sunitas e xiitas, resultando em constatações de violência. Em entrevista, Ali relata que precisou abandonar o campo de refugiados devido a uma briga de curdos e árabes, ressaltando que “as brigas no campo são piores que as da Síria”. O jornal *BBC* ressalta que, durante as entrevistas realizadas no campo, houve uma briga por comida, em um dos refeitórios, deixando duas pessoas feridas, e causando ataques de pânico a alguns que assistiam à cena (NYE, 2018).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

O campo, constituído de arame farpado e cercas altas, mostra que seus habitantes, estão segregados, enfatizando a importância do termo campo de concentração. Ao separar, murar e conter o refugiado, evidencia-se o quanto o Estado-nação o vê como uma ameaça ou, como já salientava Hannah Arendt (1943), como um “inimigo alienígena”, colocando em crise a ficção originária de soberania. Com efeito, desta forma, o indivíduo se insere no país sem ser um cidadão de direito, configurando para o Estado a figura de um ser inquietante, na medida em que não é juridicamente um cidadão de direito no país, porém, está inserido nele, rompendo a identidade do homem e cidadão.

Diante ao exposto, sempre que uma suposta ameaça surge diante do Estado, os governos contemporâneos tendem a se utilizar do estado de exceção – e, conseqüentemente, do campo – para conter a “ameaça”. Nesse sentido, o refugiado captura no campo encarna o *homo sacer* na contemporaneidade. Os indivíduos que são capturados no campo estão expostos a constantes cesuras biopolíticas, por meio das quais são retiradas as capas protetoras do direito, reduzindo-se esses indivíduos a vidas nuas e, nessa condição, *sacrificáveis* sem que os responsáveis pelas violações de direitos sejam responsabilizados. Dessa forma, assim como nos campos de concentração da Alemanha nazista, os campos de refugiados contemporâneos, estabelecidos no seio de Estados democráticos, são responsáveis por inúmeras violações de direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo tem sido utilizado de forma massiva por governos contemporâneos, com o objetivo de conter refugiados. A falta de condições mínimas para uma sobrevivência digna tornam essa prática a responsável por violar os direitos humanos dessa população. Dessa forma, os refugiados “abrigados” nos campos são expostos a vários tipos de violência, tendo em vista que a superlotação, a falta de saneamento e de comida são causadores de doenças e da constante violência no local.

Nesse sentido, torna-se possível afirmar que, na contemporaneidade, os governos valem-se do Estado de exceção para conter todos aqueles que são considerados como uma “ameaça”. O campo, considerado por Agamben (2015) como o paradigma biopolítico moderno, é utilizado para a contenção desses grupos, sendo os atuais campos de refugiados espalhados pelo mundo para conter as crises migratórias prova contundente disso. É evidente que os refugiados abrigados nos campos citados no texto não possuem garantias jurídicas, vivendo em condições desumanas, expostos a doenças e violência, violando os Direitos Humanos dos Imigrantes e Refugiados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer:** o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim:** notas sobre a política. Trad. Davi Pessoa. Belo Horizonte:

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 16 - Paz, justiça e instituições eficazes

Autêntica, 2015.

ARENDRT, Hannah. **We Refugees**. 1943. Disponível em: <http://www-leland.stanford.edu/dept/DLCL/files/pdf/hannah_arendt_we_refugees.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **O campo de refugiados na Grécia onde ‘crianças dizem querer morrer’**. São Paulo, 18 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50835558>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

NYE, Catrin. O ‘pior campo de refugiados do mundo’, onde até crianças tentam o suicídio. **BBC News Brasil**, 30 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45350156>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

Parecer CEUA: 01/2015